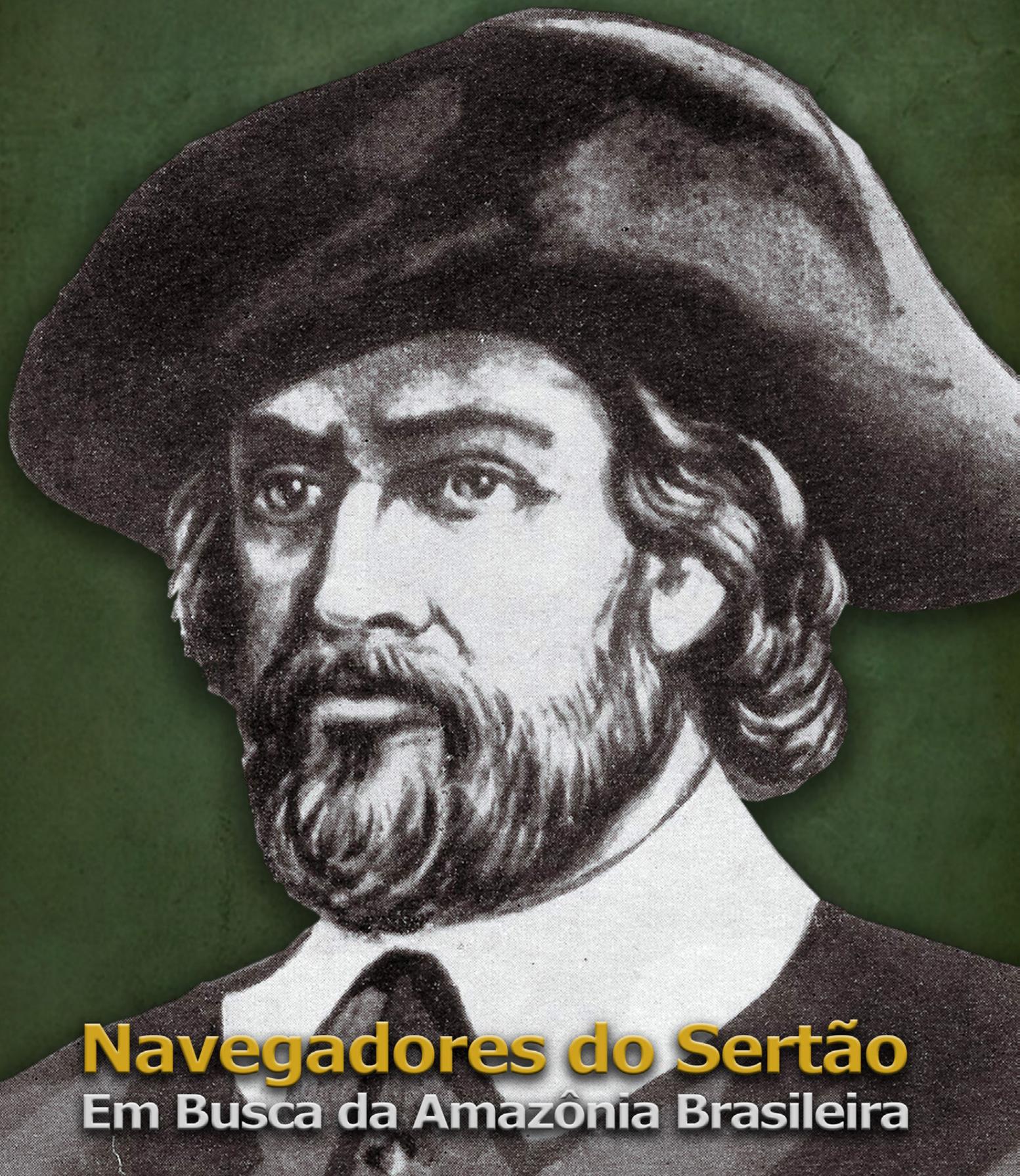


O Tuiuti



BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR

2014 / Nº 120



Navegadores do Sertão Em Busca da Amazônia Brasileira



O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

EDITOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

PROJETO GRÁFICO/DESIGN

Fabricio Gustavo Dillenburg
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
nucleomilitar@gmail.com

ENDEREÇOS VIRTUAIS

acadhistoria@gmail.com
www.acadhistoria.com.br

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos das duas entidades, bem como da História Militar e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado no informativo está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor.



EDITORIAL

A gigantesca extensão brasileira sempre foi algo que impressionou o mundo. Na medida em que os desbravadores vieram para nosso território, buscando conquistar e delinear suas fronteiras, o gigantismo se fazia mais e mais evidente, causando admiração e espanto.

Pois é, justamente, parte da História desses primeiros "navegadores do sertão", e sua empreitada homérica no processo de abertura do território nacional que o Tuiuti aborda neste número. Fazendo uma análise das viagens de Pedro Teixeira e de Raposo Tavares, o autor KmMad (cujo blog, infelizmente, não mais se encontra ativo, o que impediu a obtenção de mais informações), nos faz pensar sobre as dificuldades impressionantes relativas às tentativas de conquista da Amazônia.

Soma-se a esse texto, neste número, um belo poema dedicado a Osório, da autoria de Carlos Athaydes de Lima Alves, Coronel de Cavalaria do Exército brasileiro.

Por fim, uma referência a um livro de Gustavo Barroso, historiador brasileiro virtualmente esquecido, mas que tem um significativo conjunto de obras a serem exploradas, sob análise crítica. Ele foi adquirido para o acervo da AHIMTB/RS, encontrando-se à disposição para consultas.

Mais um número, portanto, agradável à leitura, pois seu conteúdo variado apresenta facetas diversas da tão rica e variada fonte que é a nossa História Militar.

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Editor

CONTEÚDO

4 NAVEGADORES DO SERTÃO

por KmMad

Sobre as viagens de Raposo Tavares e Pedro Teixeira, em busca de caminhos pela Amazônia.

9 O GUERREIRO E A LIBERDADE

por Carlos Athaydes de Lima Alves

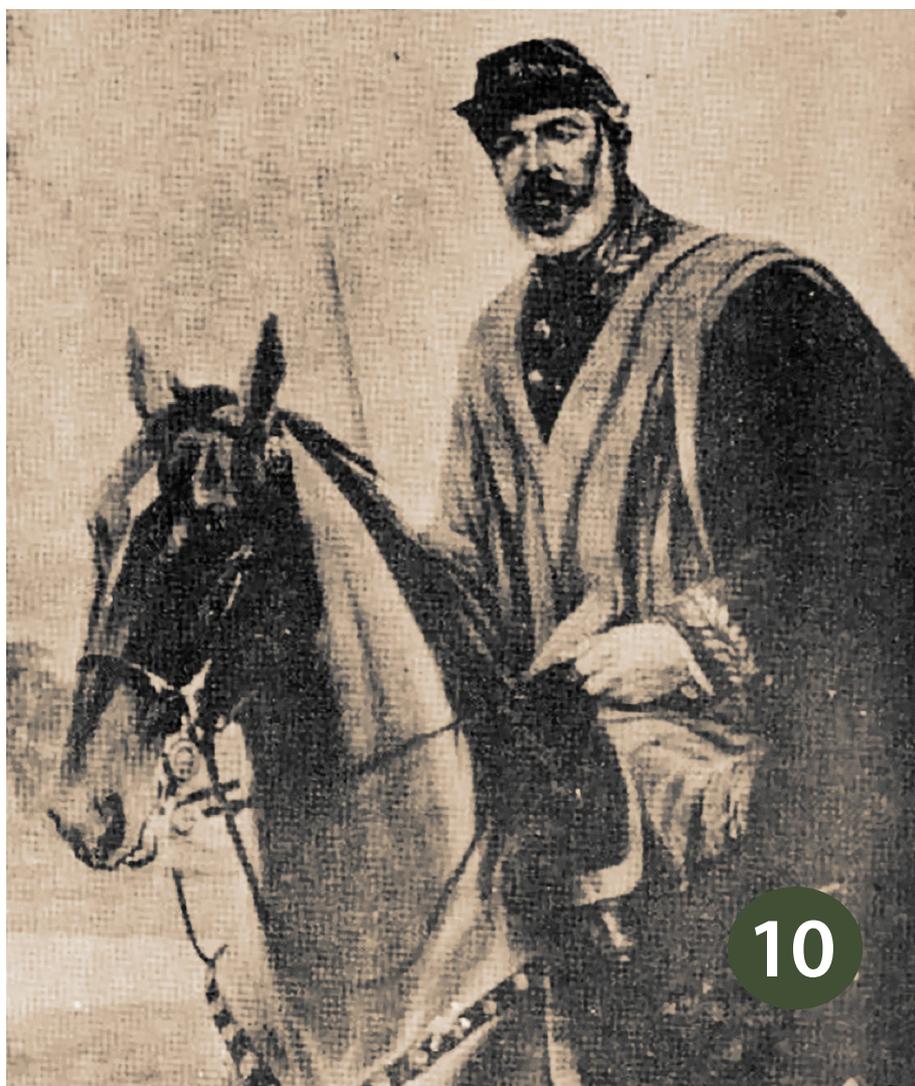
O autor apresenta um belíssimo poema sobre o grande Osório, em exaltação à sua memória e sua obra.

11 BARROSO

Comunicação sobre a chegada de mais um livro em nosso acervo, desta feita, de Gustavo Barroso, e lista de suas obras.



4



10



12





Navegadores do Sertão

KmMad (fonte: <http://kmstressnet.blogspot.com.br>)

Duas expedições, a de Pedro Teixeira e a de Raposo Tavares, autênticas epopeias, foram decisivas na conquista da Amazônia. O primeiro teve o mérito de ampliar uma pátria, já de si grande. O segundo partiu de São Paulo, cruzou o território brasileiro de Leste a Oeste, alcançou a Bahia e, do Nordeste para Norte, atingiu o Amazonas, por ele descendo até Belém.

A viagem de Pedro Teixeira na Amazônia constitui um grande feito, e os seus escritos - com informações preciosas relativas à navegação fluvial através do rio Amazonas confirmam uma extraordinária obra de geografia viva, tendo ele registrado todas as particularidades, os usos e costumes das centenas de tribos e a abundância em que viviam.

Foi Pedro Teixeira que demarcou a mais extensa região do Brasil, país que, no séc. XVII, era uma colônia portuguesa. Descoberto em Abril de 1500 por Pedro Álvares Cabral, foi D. João III que, 34 anos mais tarde, dividiu o território em 15 capitanias hereditárias, cuja posse efetiva e colonização era exercida por donatários. Embora na condição de vassallos régios, estes tinham amplos poderes e deveres.

Cabia-lhes empreender o conhecimento do território e dos rios e fixar os colonos para a defesa e exploração da terra, expulsando os estran-

geiros do litoral. Os bandeirantes, por seu lado, em finais do séc. XVI e princípios do séc. XVII, procediam a expedições no interior de um continente desconhecido, com a colaboração de nativos, indispensável à orientação na selva e no sertão. Ao lado dos índios escravos e dos libertos havia tupis e guaranis livres (que nunca haviam sido escravos) e que constituíam um elemento fundamental das "bandeiras". Cada uma podia ser constituída até ao máximo por algumas centenas de brancos e mestiços e por 4.000 ou mais índios.

Porém, sobre estes "navegadores do sertão" não se escreveram as façanhas nem se encarregaram os especialistas

"FOI O DESBRAVADOR PEDRO TEIXEIRA QUEM DEMARCOU A MAIS EXTENSA REGIÃO DO PAÍS QUE, NO SÉCULO XVII, ERA UMA COLÔNIA PORTUGUESA."

de os "pôr em crônica" ... Adversários confessos dos jesuítas, os textos destes sempre foram tendenciosos na apreciação dos aventureiros. Alguns chegaram ao Peru e ao Paraguai, entrando em choque com as autoridades e os interesses espanhóis.

Pedro Teixeira alcançou Quito, no Equador. A sua importante expedição integraria a Amazônia no mundo geográfico brasileiro.

Pedro Sem Medo

O intrépido militar nasceu em 1570, em Cantanhede, distrito de Coimbra (Portugal). De ascendência nobre, era cavaleiro da Ordem de Cristo e fidalgo da Casa Real. A sua mulher, Ana da Cunha, era filha do sargento-mor Diogo de Campos Moreno.

Em 1607, Pedro Teixeira vai para o Brasil, onde se distingue na luta contra os franceses em São Luís do Maranhão. Nas expedições militares em que participa, mostra-se corajoso e determinado. Nomeadamente quando, a 7 de Agosto de 1616, comandou uma expedição para punir um navio holandês que se encontrava no Amazonas: "Atacou a embarcação, por abalroamento, no dia 9 de Agosto e após luta renhida acabou por vencer. Mesmo ferido, mandou incendiar o navio, retirou-lhe a artilharia e voltou a Belém para o Forte do Presépio. Graças a este feito, foi promovido ao posto de capitão, por despacho régio de 28 de Agosto de 1618."

Foi também ele que chefou uma expedição para destruir o forte holandês Mandiutuba, nas margens do rio Xingú. Com 50 soldados e 700 índios

guerreiros, atacou simultaneamente por terra e pelo rio. No final da noite, o forte já estava nas suas mãos.

Mas a sua expedição memorável, aquela que o iria tornar célebre, ocorreu em 1637. Era necessário alargar a soberania portuguesa à maior parte da bacia amazônica. Pedro Teixeira foi escolhido pelo governador e capitão do Maranhão e Grão-Pará, Jácome Raimundo de Noronha. Sem dúvida, por ser valente, prudente e conhecedor do rio e da selva amazônica. Ao aceitar o desafio, recebeu a patente de capitão-mor e general de Estado, com plenos poderes para realizar tão espinhosa missão. Porém, nos preparativos para a expedição, Pedro Teixeira gastou grande parte da sua fortuna.

De Cameté a Quito

Foi a 28 de Outubro de 1637 que Pedro Teixeira partiu de Cameté, comandando uma expedição oficial, através de um rio (acreditava-se) dominado por mulheres cavaleiras e guerreiras: o rio das Amazonas. Rio acima, esta viagem daria ao Brasil a sua mais extensa região: a Amazônia. A incursão, considerada por muitos como a maior façanha do sertão, contava com 70 canoas, sendo 47 de grandes dimensões, 70 soldados portugueses e 1.200 índios guer-

reiros, acompanhados pelas respectivas mulheres e filhos, o que perfazia um total de 2.000 seres humanos.

Em Dezembro, apartaram no Alto Amazonas, numa ilha desconhecida e grande, que Pedro Teixeira denominou de "Ilha das Areias". No início de Janeiro de 1638, Teixeira descobriu o rio Negro, citando na sua obra que encontrou muitos índios;

Pelo que vi, as terras prometem muita fertilidade nas aldeias dos índios com quem comuniquei, tantos que não me atrevo a enumerá-los; é gente de guerra, mais política que a que encontrei anterior mente; em seu poder achei alguns pedaços de prata metidos em paus que traziam nas orelhas (...) deixei todos os habitantes contentes e satisfeitos, após oferecer-lhes achas, anzóis, valores e pentes, e outras coisas por me parecer isso conveniente para o serviço

de S.M. pelo muito que aquelas terras prometem.

As trocas com os índios foram efetuadas mais do que uma vez, apesar de o explorador encontrar tribos onde todos usavam "uma flecha furada muito venenosa que, se ferir alguém, nem os que a usam conhecem a cura" e de todos serem "antropófagos, comendo-se uns aos outros sem problemas" ... Viajar a remos e contra a corrente criou entre a tripulação princípios de rebelião. Pelo que Pedro Teixeira mandou o coronel Bento de Oliveira, com oito canoas, 20 soldados e 150 índios ir à frente e servir de guia.

A 3 de Julho, Pedro Teixeira alcançou a foz do Napo (hoje território colombiano), onde se encontrava Bento de Oliveira à sua espera:

DESAFIO EXPLÍCITO v

O avanço sobre a Amazônia foi uma clara declaração de liberdade e independência do Reino de Portugal, frente à Espanha. Tavares e Teixeira foram fundamentais no processo.



Os omagua ocuparam o rio em longitude cerca de cem léguas (...) é gente muito antropófaga (...) só usam a carne humana e usam como troféu os crânios dos que matam, que penduram nas suas casas, e são tão grandes comedores que têm os corpos robustos, andam todos despidos (...) A fertilidade do Rio Napo é enorme porque tem imensa variedade de peixes, muita carne do monte, imensa juca, muitos frutos de diferentes castas e grande número de tartarugas.

Juntos, seguiram até à confluência do Napo com o Aguarico. A 15 de Agosto, chegaram a Payamino, afluente do Napo, viajando a cavalo, em mula ou mesmo a pé. A 14 de Agosto chegaram a Payaunio, no Peru, seguindo por terra até Quito e, a primeira coisa que fizeram, entre um cortejo triunfal, foi rezar um *Te Deum* em ação de graças pelo êxito da viagem, no Santuário de Nossa Senhora de Guápulo. Enquanto aí permaneceu, o explorador elaborou a sua "Relação", pedindo no final da mesma que acreditassem no seu relato:

E todo o conteúdo desta relação certifico e juro pelos santos Evangelhos, deve passar tudo por verdade por tê-lo andado e visto com os meus olhos e recordo muitas coisas, não querendo parecer fantasioso.

Ao tomar conhecimento da chegada da expedição a Quito, o vice-rei do Peru (a colônia espanhola de Quito estava ligada ao vice-reinado de Lima) ordenou que Pedro Teixeira regressasse a Belém, a fim de impedir qualquer projeto holandês pela via fluvial que havia sido aberta. E ordenou que Teixeira fosse acompanhado por uma pessoa de confiança, para conhecer o caminho e relatá-lo em Espanha ao Conselho das Índias. O escolhido foi o frei Cristobal D'Acuna.

A 16 de Fevereiro de 1639, iniciou-se o regresso a Belém, tendo Pedro Teixeira escolhido um caminho mais curto. A 15 de Agosto, o explorador fundou a povoação de Franciscana (hoje Tabatinga), na margem esquerda do rio do Ouro, em homenagem aos dois franciscanos sacrificados pelos índios encabelados e em nome da coroa de Portugal.

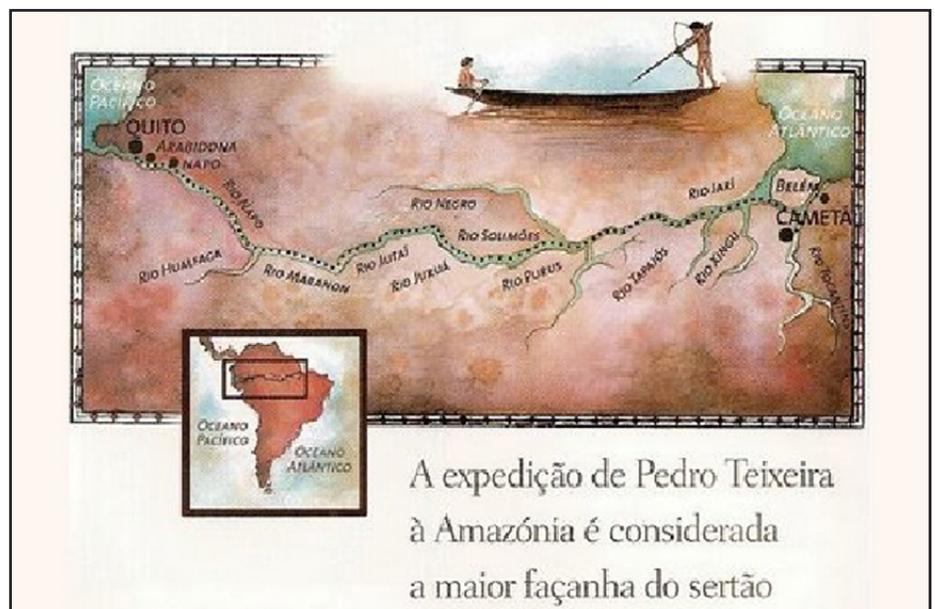
A 12 de Dezembro, após 26 meses de viagem, a sua comi-

tiva chegou a Belém. Estava consumada a ligação entre Quito e Belém nos dois sentidos. A totalidade do rio Amazonas pertencia aos portugueses.

Acumulado de honrarias, recebeu o título de capitão-mor do Grão-Pará e Filipe IV (III de Portugal) concedeu-lhe o título de marquês de Aquella Blanca. No dia 1 de Dezembro desse mesmo ano, Portugal libertava-se do domínio espanhol. Pedro Teixeira preparava-se para regressar à pátria mas foi surpreendido pela morte, a 6 de Junho de 1641. O maior vulto militar do Brasil colonial, aquele que preparou a futura penetração e domínio português na Amazônia, está sepultado na Igreja Matriz - Catedral de Belém, no Brasil.

DIFÍCEIS EXPEDIÇÕES v

A epopéia de desbravar o território foi monumental, em distâncias e desafios. Território ainda hoje complicado, no que concerne à subsistência, clima e perigos de todo tipo, no período de Tavares e Teixeira, era algo quase impensável.



Por terras lusas, uma estátua da autoria de Celestino Alves André homenageia o herói, em Cantanhede, num largo que tem igualmente o seu nome.

Jesuítas para a Rua

Outro grande desbravador da região foi Antonio Raposo Tavares (1598-1658). Saindo de São Paulo, em 1648, pela tradicional via de acesso do rio Tietê, atingiu o rio Paraguai, depois o Guaporé, o Madeira e finalmente o Solimões-Amazonas, o qual navegou até Gurupá, no atual estado do Pará, de onde regressou a São Paulo. Três anos foram consumidos nesta jornada reveladora do espírito aventureiro do bandeirante. "Temos de expulsar-vos de uma terra que é nossa, e não de Castela", dizia Raposo Tavares, aos espanhóis, para anexar terras ao Brasil. Aquele que se destacou nas lutas contra os holandeses, nasceu em Beja, no Alentejo, por volta de 1598. Filho de Fernão Vieira Tavares, governador da capitania de São Vicente, foi para o Brasil em 1618 e radicou-se em São Paulo, em 1622.

As bandeiras de Raposo Tavares destinavam-se primordialmente a aprisionar indígenas mas asseguraram também a presença portuguesa, evitando a ampliação do domínio espanhol. A sua primeira expedição, em 1627, seguiu



para Guáira. Visava expulsar os jesuítas espanhóis e anexar terras ao Brasil.

De regresso a São Paulo, exerceu cargos políticos, sendo excomungado pelos jesuítas e deposto pelo governador. Acabou absolvido e repostado nas suas funções, participando de uma outra expedição em 1636. Nessa ocasião, dirigiu-se ao Tape, no centro do atual estado do Rio Grande do Sul. Expulsos os jesuítas, os quais Raposo Tavares não suportava (e vice-versa), voltou a São Paulo, onde era considerado herói.

Entre 1639 e 1642, Raposo Tavares dedicou-se a ações militares. Como capitão de companhia, integrou o contingente enviado do Sul para prestar socorro às forças sitiadas na Bahia. Em missão semelhante esteve em Pernambuco, onde tomou parte na longa batalha naval contra os holandeses. A última e maior de suas bandeiras, em busca

BRASÕES DE ARMAS ^

Ambos os desbravadores acabaram sendo reconhecidos por sua audácia e pelos trabalhos prestados à Coroa. Suas explorações abriram novas perspectivas geográficas e econômicas na colônia.

de prata, iniciou-se em 1648 e durou mais de três anos. Foi o seu trajeto mais ambicioso e extenso, rumo ao extremo oeste, indo até ao coração da Amazônia, chegando à foz do rio Xingu.

A expedição, que percorreu 10.000 km, saiu de São Paulo, seguiu pelo interior do continente, atravessou a floresta amazônica e chegou ao atual estado do Pará. Foi a segunda viagem de reconhecimento geográfico em território brasileiro. Raposo Tavares morreu na cidade de São Paulo, em 1658.

Referência:

BENTO, Claudio Moreira, Cel. História Militar da Amazônia. Porto Alegre: Metrópole, 2004.



OSORIO

O GUERREIRO E O LIBERAL

Por
Carlos Athaydes
de Lima Alves

Na história do Rio Grande
Foi guardião da fronteira!
Na história brasileira
Sua dimensão se expande!...
E onde quer que se ande
A buscar heróis na História
Surgirá sempre à memória
Manoel Luis Osorio
Um gaúcho meritório
Do Império a maior glória!

Crioulo de Conceição
Do Arroio – aí viviam
Seus pais, que lá residiam
Há tempos nesse rincão.
Osorio nasceu num chão
Onde guapos brasileiros,
Com a sina de guerreiros,
Resistiam, em alerta,
A viver sorte incerta
Em lutas com seus fronteiros!

Desde o primeiro combate,
No Arroio Miguelete,
Onde provou seu mosquete
Em memorável embate,
O guerreiro não se abate,
Ao longo de toda a vida.
A guerra é a sua lida
Porém, como cidadão,
Defende sua opinião
Sempre na justa medida!

Por cinquenta e seis anos
- Desde quase um guri –
O que se recorda aqui
É como Deus, nos seus planos,
Que não permitem enganos,
Nem desvios para o mal,
Zelou, do inicio ao final,
Para que esse gaúcho
Fosse militar de luxo
De Soldado a Marechal!

Foi por causa de uma guerra
Que Osorio, junto do pai,
Aos quatorze anos se vai
Arriscar, em outra terra;
E sua infância encerra
Na Província Cisplatina
Onde lá, cumprindo a sina,
Aos quinze se faz soldado,
Pra um dia ser consagrado
No Paraguai e Argentina!

Espada ou lança na mão,
Visão de Osorio – Soldado;
Mais também foi abençoado
Com cidadã vocação.
Se na guerra era um leão,
A bater-se bravamente,
Na paz lutou tenazmente
Por valores e ideais
Comprovando, ademais,
Ser político consciente!

É o Coronel a lutar
Na Argentina, contra Rosas;
Comanda cargas preciosas
Em Caseros – Palomar.
É o Marechal a guerrear
No Paraguai, o primeiro
A pisar solo estrangeiro,
Pra vencer em Tuiuti
E, no Humaitá e Avaí,
Da vitória ser parceiro!

Liberal desde Tenente
Filhou-se à Maçonaria
Que, igual à Cavalaria,
Serviu diligentemente;
Foi ainda um competente
Deputado Provincial.
Como Marquês do Herval
É nomeado Senador,
Por graça do Imperador,
Seguindo rito formal!

Bem aventurado o chão
Onde tal herói nasceu...
Aos setenta e um morreu,
Distante do seu torrão,
Interrompendo a missão
Como Ministro da Guerra.
E a morte, nesta terra,
Foi apenas a passagem,
De quem findou a viagem
E linda história descerra!...

A farda nunca abafou
O Cidadão denodado
No peito desse Soldado
Que à Pátria glorificou!
Nobre carreira trilhou,
Quer na guerra ou na paz,
E o fez com valor capaz
De torná-lo um Imortal:
Como Osorio - o liberal
Guerreiro - desde rapaz!

Carlos Athaydes de Lima Alves
carlosathaydes@gmail.com



SOBRE O AUTOR

Carlos Athaydes de Lima Alves é Coronel do Exército (Turma de Cavalaria/56). Autor de "Quartel e Querência", em todo o decorrer dos diálogos que consubstanciam os variados temas que aborda, o autor tem como objetivo precípuo colocar em destaque Valores os quais, como fruto da sua experiência, considera essenciais à plena realização do ser humano como Ser ético e, portanto, como Pessoa.

LIVRO DE GUSTAVO BARROSO

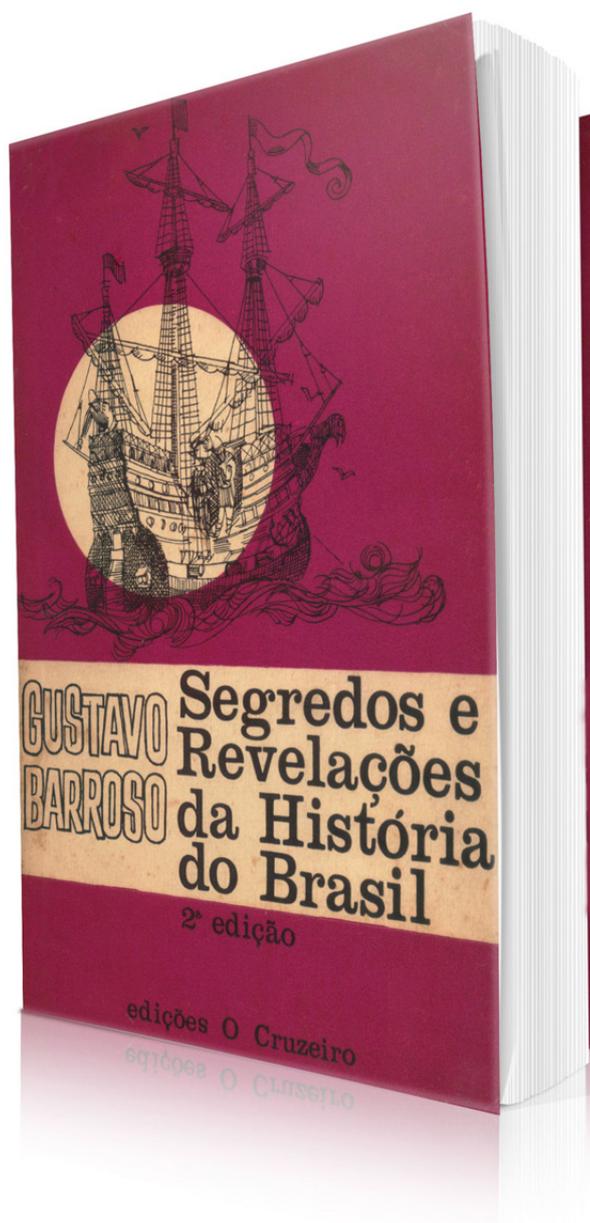
A AHIMTB/RS adquiriu o livro "Segredos e Revelações da História do Brasil", de autoria de Gustavo Barroso, que contém numerosos trabalhos pouco divulgados sobre passagens da História do Brasil. A obra está à disposição na Biblioteca da AHIMTB/RS junto ao Museu do CMPA.

Gustavo Barroso foi autor prolífico, e gera controvérsias até hoje. Além dos livros publicados, sua obra ficou dispersa em jornais e revistas de Fortaleza e do Rio de Janeiro, para os quais escreveu artigos, crônicas e contos, além de desenhos e caricaturas. A vasta obra de Gustavo Barroso, de cento e vinte e oito livros, abrange história, folclore, ficção, biografias, memórias, política, arqueologia, museologia, economia, crítica e ensaio, além de dicionário e poesia. Pseudônimos: João do Norte, Nautilus, Jotanne e Cláudio França.

Em seu livro, publicado em três volumes a partir de 1937, A História Secreta do Brasil, são narrados episódios como a participação por parte dos judeus em rituais de sacrifício no sertão baiano no século XIX até a sociedade secreta da Faculdade de Direito de São Paulo (chamada 'A Bucha'). Profundamente nacionalista, ele defendeu a integridade do Brasil contra dominação estrangeira e de grupos de banqueiros internacionais.

Sua atividade na Academia Brasileira de Letras também foi das mais relevantes. Em 1923, como tesoureiro da instituição, procedeu à adaptação do prédio do Petit Trianon, que o Governo francês ofereceu ao Governo brasileiro, para nele instalar-se a sede da Academia. Exerceu alternadamente os cargos de tesoureiro, de segundo e primeiro secretário e secretário-geral, de 1923 a 1959; foi presidente da Academia em 1932, 1933, 1949 e 1950. Em 9 de janeiro de 1941 foi designado, juntamente com Afrânio Peixoto e Manuel Bandeira, para coordenar os estudos e pesquisas relativos ao folclore brasileiro.

Era membro da Academia Portuguesa da História; da Academia das Ciências de Lisboa; da Royal Society of Literature de Londres; da Academia de Belas Artes de Portugal; da Sociedade dos Arqueólogos de Lisboa; do Instituto de Coimbra; da Sociedade Numismática da Bélgica, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de vários Estados; e das Sociedades de Geografia de Lisboa, do Rio de Janeiro e de Lima.



Obras de Gustavo Barroso:

1. "Terra de sol. Natureza e costumes do Norte"- Benjamin De Aguila-Editor-Rio de Janeiro, DF.(274 pp.) (1912);
2. Praias e várzeas (1915);
3. Idéias e palavras (1917);
4. Heróis e bandidos: os cangaceiros do Nordeste (1917);
5. Tradições militares (1918);
6. Tratado de Paz (1919);
7. A ronda dos séculos (1920);
8. Mosquita muerta (1921);
9. Casa de marimbondos (1921);
10. Ao som da viola (1921);
11. Mula sem cabeça (1922);
12. Pergaminhos (1922);
13. Coração da Europa (1922);
14. Uniformes do Exército (1922);
15. Alma sertaneja (1923);
16. Antes do bolchevismo (1923);
17. Mapirunga (1924);
18. O anel das maravilhas (1924);
19. Livro dos milagres (1924);
20. O sertão e o mundo (1924);
21. En el tiempo de los Zares (1924);
22. O ramo de oliveira (1925);
23. Tição do inferno (1926);
24. Através dos folclores (1927);
25. Almas de lama e de aço (1928);
26. A guerra do Lopez (1928);
27. A guerra do Flores (1929);
28. A guerra do Rosas (1929);
29. Mythes, contes et legendes des indiens du Brésil (1930);
30. A guerra de Vidéo (1930);
31. A guerra de Artigas (1930);
32. O Brasil em face do Prata (1930);
33. Inscrições primitivas (1930);
34. O bracelete de safiras (1931);
35. Aquém da Atlântida (1931);
36. A ortografia oficial (1931);
37. A senhora de Pangim (1932);
38. Osório, o Centauro dos pampas (1932);
39. Luz e pó (1932);
40. Mulheres de Paris (1933);
41. As colunas do templo (1933).
42. O santo do brejo (1933);
43. Tamandaré,
44. O Néelson brasileiro (1933);
45. O Integralismo em marcha (1933);
46. O Integralismo e o mundo (1933);
47. Brasil - Colônia de Banqueiros (1934);
48. O integralismo de norte a sul (1934);
49. O quarto império, integralismo (1935);
50. A palavra e o pensamento integralista (1935);
51. O que o integralista deve saber (1935);
52. A Destruição da Atlântida, 2 vols. (1936);
53. O Espírito do Século XX (1936);
54. História Secreta do Brasil, 6 vols. (1936, 1937, 1938...);
55. Os Protocolos dos Sábios de Sião (1936) - Tradução;
56. A Sinagoga Paulista (1937);
57. A Maçonaria: Seita Judaica (1937);
58. Judaísmo, Maçonaria e Comunismo (1937);
59. Os Civilizados (1937);
60. Integralismo e Catolicismo (1937);
61. Pequeno dicionário popular brasileiro (1938);
62. Corporativismo, cristianismo e comunismo (1938);
63. O livro dos enforcados (1939);
64. Coração de menino (1939);
65. O Brasil na lenda e na cartografia antiga (1941);
66. Liceu do Ceará (1941);
67. Consulado da China (1941);
68. Portugal - Semente de impérios (1943);
69. Anais do Museu Histórico Nacional, vols. I a V (1943-1949);
70. Caxias (1945);
71. Seca, Meca e Olivais de Santarém, descrições e viagens (1947);
72. Fábulas sertanejas (1948);
73. As sete vozes do espírito (1950);
74. História do Palácio
75. Itamarati (1953).

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A AHIMTB/RESENDE – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A AHIMTB/Distrito Federal – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A AHIMTB/Rio de Janeiro – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A AHIMTB/Rio Grande do Sul – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; e

- A AHIMTB/São Paulo – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two Page View**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, o informativo será exibido na forma projetada.

Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibir Página**, clique em **Exibição em Duas Páginas** e **Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas**.



O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha.

Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço www.nucleomilitar.com



AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

